

A colina dos elfos

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Alguns lagartos corriam muito ligeiros pelas fendas de uma velha árvore. Entendiam-se perfeitamente, pois falavam a língua dos lagartos.

“Não é possível, como estronda e resmunga a velha Colina dos Elfos!”, disse um dos lagartos. “Por causa dessa barulheira, há duas noites não fecho os olhos. Podia muito bem estar deitado com dor de dente: assim também não consigo dormir!”

“Há alguma coisa acontecendo lá dentro!”, disse o segundo lagarto. “Estão deixando a colina apoiada em quatro estacas vermelhas até o cantar do galo. Estão arejando tudo muito bem, e as elfas aprenderam danças novas, daquelas em que se bate o pé. Há alguma coisa acontecendo!”

“Sim, conversei com uma minhoca conhecida minha”, disse o terceiro lagarto. “Ela acabara de sair da colina, onde remexera a terra noite e dia. Ouviu muita coisa; enxergar ela não pode, pobre bicho, mas sabe se orientar pelo tato e prestar atenção ao que ouve. Esperam visitas na Colina dos Elfos, visitas distintas. Quem são, a minhoca não quis dizer, ou talvez não soubesse. Convocaram todos os fogos-fátuos para fazer um cortejo de tochas, como se diz. E a prata e o ouro, que não faltam na colina, estão sendo polidos e expostos ao luar.”

“Quem serão essas visitas?”, disseram todos os lagartos. “O que estará acontecendo? Escutem como zumbe! Escutem como resmunga!”

Naquele instante, a Colina dos Elfos se abriu, e uma velha elfa saiu com passinhos rápidos. Ela não tinha costas, mas, fora isso, estava vestida com muita decência. Era a governanta do velho rei dos elfos, uma parenta distante, e trazia um coração de âmbar na testa. Como suas pernas se moviam depressa: trip, trip! Nossa, como sabia andar ligeiro! Foi direto para o pântano, até o noitibó.

“O senhor está convidado para a Colina dos Elfos, esta noite mesmo!”, disse ela. “Mas não quer antes nos fazer um grande favor e cuidar dos convites? Precisa ser útil, já que não tem uma casa para cuidar! Vamos receber visitas muito distintas, gente dos trolls que tem influência, e por isso o velho rei dos elfos quer fazer bonito!”

“Quem deve ser convidado?”, perguntou o noitibó.

“Ora, para o grande baile pode vir todo mundo, até seres humanos, desde que saibam falar dormindo ou fazer um pouquinho daquilo que é da nossa natureza. Mas para o primeiro banquete a escolha será rigorosa: só queremos os mais distintos. Discuti com o rei dos elfos, pois acho que nem sequer podemos incluir fantasmas. O homem do mar e suas filhas devem ser os primeiros convidados. Eles não gostam muito de vir para o seco, mas cada um receberá uma pedra molhada para sentar, ou alguma coisa melhor; assim, acho que não vão recusar desta vez. Precisamos de todos os velhos trolls de primeira classe que tenham cauda, do homem do rio e dos nisses. E penso que não podemos deixar de lado a Porca dos Túmulos, o Cavalo do Inferno e o Guardião da Igreja. É verdade que pertencem ao clero, que não é da nossa gente, mas isso é o ofício deles; são nossos parentes próximos e nos visitam constantemente.”

“Ótimo!”, disse o noitibó, e voou para fazer os convites.

As elfas já dançavam na Colina dos Elfos, com longos xales tecidos de névoa e luar. Isso é muito bonito para quem gosta desse tipo de coisa. No interior da colina, o grande salão fora muito bem arrumado. Tinham lavado o chão com luar e esfregado as paredes com gordura de bruxa, de modo que brilhavam como pétalas de tulipa diante da luz. Na cozinha havia rãs no espeto em abundância, peles de cobra com dedinhos de criança dentro, saladas de sementes de cogumelos venenosos, focinhos molhados de ratos e cicuta, cerveja da produção da mulher do pântano, vinho reluzente de salitre vindo da cripta: tudo muito substancioso. Pregos enferrujados e vidro de janelas de igreja faziam parte dos petiscos crocantes.

O velho rei dos elfos mandou polir sua coroa de ouro com lápis de ardósia triturado. Era lápis do melhor aluno da classe, e para o rei dos elfos é muito difícil conseguir lápis de ardósia de um aluno desses. No quarto de dormir, penduraram cortinas e as prenderam com cuspe de cobra. Sim, havia mesmo um zumbido e um resmungo!

“Agora é preciso defumar isto aqui com pelos crespos e cerdas de porco; então acho que terei feito minha parte!”, disse a velha elfa.

“Querido pai!”, disse a menor das filhas. “Agora vou ficar sabendo quem são as visitas distintas?”

“Está bem!”, disse ele. “Acho que preciso contar! Duas de minhas filhas devem se preparar para o casamento! Duas certamente serão dadas em casamento. O velho troll lá da Noruega, aquele que mora no antigo Dovrefjeld e tem muitos castelos de rocha feitos de grandes pedras, além de uma mina de ouro melhor do que se imagina, vem até aqui com seus dois rapazes. Eles devem escolher uma esposa. O velho troll é um autêntico e honesto velho norueguês, alegre e franco. Conheço-o de outros tempos, quando bebemos para passar a nos

tratar por tu. Ele esteve aqui para buscar a esposa, que agora está morta; era filha do rei das falésias de Møen. Levou a mulher fiado — no giz, como se diz! Ah, como tenho saudade do velho troll norueguês! Dizem que os rapazes são uns moleques indisciplinados e convencidos, mas também podem estar sendo injustos com eles. Hão de ficar bons quando estiverem bem guardados. Quero ver vocês pôr ordem neles!”

“E quando chegam?”, perguntou uma das filhas.

“Depende do vento e do tempo!”, disse o rei dos elfos. “Eles viajam com economia! Vêm aproveitando uma viagem de navio. Eu queria que passassem pela Suécia, mas o velho ainda não se inclina para esse lado! Não acompanha os tempos, e disso eu não gosto!”

Naquele instante chegaram saltitando dois fogos-fátuos. Um era mais rápido que o outro e, por isso, chegou primeiro.

“Eles estão chegando! Estão chegando!”, gritaram.

“Deem-me a coroa e deixem-me ficar ao luar!”, disse o rei dos elfos.

As filhas levantaram os longos xales e fizeram reverências até o chão.

Ali estava o velho troll de Dovre, com uma coroa de pingentes de gelo endurecidos e pinhas polidas; usava também uma pele de urso e botas de trenó. Os filhos, por sua vez, vinham de pescoço descoberto e sem suspensórios, pois eram homens fortes.

“Isto é uma colina?”, perguntou o menor dos rapazes, apontando a Colina dos Elfos. “Lá na Noruega chamamos isso de buraco!”

“Rapazes!”, disse o velho. “Buraco vai para dentro, colina vai para cima! Não têm olhos na cabeça?”

Disseram que a única coisa que os espantava ali era conseguirem entender a língua sem mais nem menos.

“Parem de fazer fita!”, disse o velho. “Até parece que vocês não ficaram bem assados!”

Entraram então na Colina dos Elfos, onde realmente havia uma sociedade muito elegante, reunida tão depressa que parecia ter sido trazida pelo vento. Tudo estava disposto com beleza e cuidado para cada convidado. O povo do mar estava à mesa dentro de grandes tinas de água; dizia que era como estar em casa. Todos tinham bons modos à mesa, exceto os dois pequenos trolls noruegueses, que puseram as pernas sobre ela; achavam que tudo lhes caía bem.

“Tirem os pés da travessa!”, disse o velho troll. Obedeceram, mas não imediatamente. Faziam cócegas na dama sentada ao lado deles com pinhas que tinham trazido nos bolsos; depois tiraram as botas para ficar à vontade e as deram a ela para segurar. O pai, porém, o velho troll de Dovre, era bem diferente. Contava coisas tão lindas sobre as majestosas montanhas norueguesas e as cachoeiras que despencavam brancas de espuma, com estrondo de trovão e som de órgão! Contava sobre o salmão que saltava contra as águas das quedas quando Nøkken tocava harpa de ouro. Contava sobre as noites brilhantes de inverno, quando os guizos dos trenós soavam e os rapazes corriam com fachos acesos sobre o gelo lustroso, tão transparente que viam os peixes se assustarem debaixo de seus pés. Sim, ele sabia contar de um jeito que se podia ver e ouvir o que dizia. Era como se as serrarias estivessem trabalhando, como se rapazes e moças cantassem canções e

dançassem o halling. Eia! De repente, o velho troll deu na velha elfa um beijo de tio: foi um grande beijo, embora eles nem sequer fossem parentes.

Agora as elfas tiveram de dançar, tanto as danças simples quanto as de bater o pé, e isso lhes caía bem. Depois veio a dança artística, ou, como se dizia, “pisar para fora da dança”. Nossa, como esticavam as pernas! Não se sabia o que era começo e o que era fim, o que eram braços e o que eram pernas. Tudo se misturava como aparas de serra, e elas rodopiavam tanto que o Cavalo do Inferno passou mal e teve de sair da mesa.

“Prrrrr!”, fez o velho troll. “Que farra com as pernas! Mas o que sabem fazer além de dançar, esticar as pernas e levantar um redemoinho?”

“Você já vai saber!”, disse o rei dos elfos. Chamou a mais nova de suas filhas; ela era esguia e clara como o luar, a mais delicada de todas as irmãs. Pôs uma varetinha branca na boca e desapareceu por completo: essa era sua arte.

Mas o velho troll disse que não gostaria dessa arte em sua esposa e achava que seus rapazes tampouco gostariam.

A segunda podia andar ao lado de si mesma, como se tivesse sombra, coisa que a gente dos trolls não tem.

A terceira era de um tipo inteiramente diferente. Aprendera na cervejaria da mulher do pântano e sabia rechear cepos de amieiro com vaga-lumes.

“Será uma boa dona de casa!”, disse o velho troll. E brindou com os olhos, porque não queria beber tanto.

Veio então a quarta elfa, que tinha uma grande harpa de ouro para tocar. Quando dedilhou a primeira corda, todos levantaram a perna esquerda, pois a

gente dos trolls é canhota das pernas; ao dedilhar a segunda, todos tiveram de fazer o que ela quisesse.

“Essa é uma mulher perigosa!”, disse o velho troll. Mas os dois filhos saíram da colina, pois já estavam aborrecidos com aquilo.

“E o que sabe fazer a próxima filha?”, perguntou o velho troll.

“Aprendi a gostar dos noruegueses!”, disse ela. “E nunca me casarei se não puder ir para a Noruega!”

Mas a menor das irmãs sussurrou ao velho troll: “É só porque ela ouviu numa canção norueguesa que, quando o mundo acabar, as rochas norueguesas continuarão de pé como monumentos. É por isso que quer ir para lá: tem tanto medo de desaparecer!”

“Ho, ho!”, disse o velho troll. “Então isso escapou! Mas o que sabe fazer a sétima e última?”

“A sexta vem antes da sétima!”, disse o rei dos elfos, pois sabia contar. A sexta, porém, não queria aparecer direito.

“Só sei dizer a verdade às pessoas!”, disse ela. “Ninguém se importa comigo, e já tenho muito que fazer costurando minha roupa de defunta!”

Veio então a sétima e última. E o que sabia fazer? Ora, sabia contar contos, tantos quantos quisesse.

“Aqui estão meus cinco dedos!”, disse o velho troll. “Conte uma história sobre cada um!”

A elfa o segurou pelo pulso, e ele riu até o riso lhe borbulhar por dentro. Quando ela chegou a Guldbrand, que trazia um anel de ouro em torno da

cintura, como se soubesse que haveria um noivado, o velho troll disse: “Segure firme o que tem, a mão é sua! Você é que eu quero para minha esposa!”

A elfa disse que ainda faltava contar sobre Guldbrand e sobre o pequeno Per, o músico.

“Vamos ouvir essas no inverno!”, disse o velho troll. “E vamos ouvir sobre o abeto, a bétula, os presentes das huldres e a geada que tilinta! Você vai ter muito que contar, porque lá em cima ainda ninguém faz isso direito. Vamos nos sentar na sala de pedra, onde arde a lasca de pinho, e beber hidromel nos chifres de ouro dos antigos reis noruegueses. Nøkken me deu uns dois! E, quando estivermos sentados, Garboen virá nos visitar; cantará para você todas as canções da pastora das montanhas. Vai ser divertido! O salmão saltará na cachoeira e baterá contra a parede de pedra, mas não entrará! Sim, pode acreditar: é bom estar na querida e velha Noruega! Mas onde estão os rapazes?”

É, onde estavam os rapazes? Corriam pelo campo, soprando e apagando os fogos-fátuos, que vinham tão bem-comportados para fazer um cortejo de tochas.

“Que maneira de ficar zanzando!”, disse o velho troll. “Agora que arranjei uma mãe para vocês, podem escolher uma tia materna!”

Mas os rapazes disseram que preferiam fazer um discurso e beber para passar a tratar os outros por tu; casar, não tinham vontade. Fizeram então seu discurso, beberam à intimidade e puseram o copo sobre a unha para mostrar que o tinham esvaziado. Tiraram as casacas e se deitaram sobre a mesa para dormir, pois não tinham cerimônia. O velho troll, porém, dançou pela sala

com sua jovem noiva e trocou de botas com ela, pois isso é mais fino que trocar anéis.

“O galo está cantando!”, disse a velha elfa que cuidava da casa. “Agora precisamos fechar as venezianas, para que o sol não nos queime aqui dentro!”

E a colina se fechou.

Lá fora, porém, os lagartos corriam para cima e para baixo na árvore rachada, e um disse ao outro:

“Ah, como gostei do velho troll norueguês!”

“Prefiro os rapazes!”, disse a minhoca. Mas ela não podia enxergar, pobre bicho.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Produção: Bons Filhos Educação

Revisão: Codex · revisão independente por IA

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-colina-dos-elfos>